



LOURDES MACENA

**Danças
Populares
Tradicionais
Cearenses**
Conectando Vidas



*Módulo III * Coco*







**Danças
Populares
Tradicionais
Cearenses**

Conectando Vidas

APOIO:

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

LEI
**ALDIR
BLANC**
DE EMERGÊNCIA CULTURAL
CEARÁ



Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

REALIZAÇÃO:



ASSOCIAÇÃO CULTURAL
**Canto da
Jandaia**



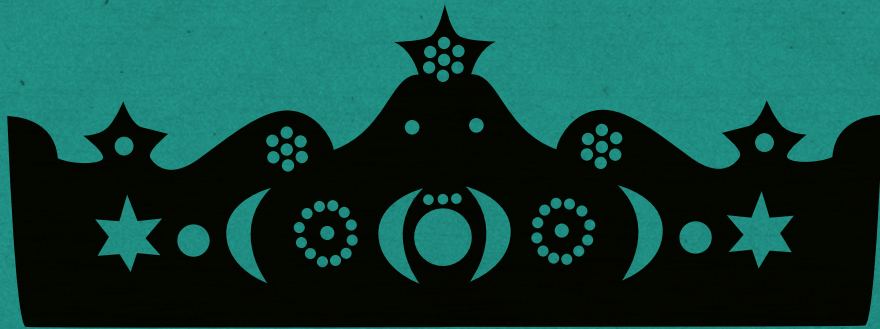
Macena, Lourdes

Danças populares tradicionais cearenses: conectando vidas /
Lourdes Macena - Fortaleza: Editora IFCE, 2021.

1. Danças Populares 2. Cultura 3. Tradições Cearenses, I.
Macena, Lourdes. II. Título.

Essa publicação digital é composta por um módulo do e-book ***Danças populares tradicionais cearenses: conectando vidas***, que será disponibilizado em sua versão completa ao final do curso.





* Módulo III *

Coco



Para fazer um estudo sobre o campo epistemológico do Coco enquanto expressão tradicional popular brasileira, eu teria que me debruçar em todo o universo de publicações sobre esta forma brincante nordestina, o que não é o objetivo deste ebook no momento. Entretanto, é importante pelo menos sinalizar uma compreensão geral do que se fala para situar a brincadeira dançante no Ceará.

Para Cascudo (1972), o Coco surgiu em Alagoas em forma de canto e dança coletiva, já os alagoanos Théo Brandão (1949) e José Maria Tenório Rocha (1984) dizem que provavelmente seu surgimento tenha ocorrido na “zona fronteira de Alagoas e Pernambuco no cordão de serras ocupadas no séc. XVIII pelo célebre Quilombo dos Palmares” (ROCHA, idem, p. 215).

No entanto existe registro da popularidade do Coco no Ceará feito por Juvenal Galeno (1865), informado por Pinto (1975) sempre com a característica de ter um puxador, embolador que vai tirando os versos enquanto os demais brincantes vão respondendo em coro, caracterizando a forma estrofe-refrão, e o tipo de gestualidade coreográfica que no local se firmou segundo o gosto de quem brinca. Pequenos registros desta expressão cearense constam em obras de Gustavo Barroso (1912)^[25], Aluysio Alencar Pinto (1975), Onélio Porto (1976), Colares (1978)^[26] e Oswald Barroso (1979) apud Seraine (1983).

Atualmente, nestes idos de 2021, nos deparamos com uma contribuição de estudos muito bons de jovens pesquisadores cearenses que vêm promovendo o conhecimento desta dança brincante como, por exemplo, os trabalhos de Amorim (2008) e Farias (2019, 2014, 2013).

A brincadeira do Coco existe no Ceará como *Embolada*, gênero musical diversificado presente entre cantadores, emboladores, coquistas, dançadeiras, favorecendo um universo pleno de criação de versos e rimas cada vez que é feito; e em forma de Dança brincante, podendo ser folia e devoção.

Giffoni (1964), em seus estudos sobre *Danças Folclóricas Brasileiras*, utilizou dos termos “Coco de Praia” e “Coco do Sertão” para detalhar características do Coco nordestino quanto ao local no qual ocorrem. No Ceará, esses termos se espalharam entre os grupos populares (Parafolclóricos) que faziam trabalhos dançantes para o *trade* turístico e que, de certa forma, serviu para organizar uma espécie de tipologia entre a juventude que foi conhecendo a dança a partir dessa difusão, principalmente na capital. Segundo Giffoni,

[25] Este foi o ano da primeira edição de *Terra do Sol* que teve posteriormente outras versões editadas. Acho importante destacar isso pois o contexto diz respeito a época no qual foi escrito.

[26] CEARÁ. Secretaria de Indústria e Comércio. Manifestações do Folclore Cearense. Fortaleza, 1978. Trabalho Elaborado pelo Departamento de Artesanato e Turismo e Empresa Cearense de Turismo.

Tanto o Coco dança, como música ou canto, abrange denominações variadíssimas, dependendo de circunstâncias especiais como: local (Coco de Praia, Coco de Sertão, Coco de Usina), maneira de dançá-lo (Cavalo Manco, Tropel Repartido, Travessão, Sete e Meio), além de nomenclatura específica, variável com o texto poético, musical, maneira de cantar, etc. [...] Quanto ao nome Coco, dão-lhe origem onomatopaica, outros ligam-no à agricultura e a própria fruta[...] pela relação entre a instabilidade da fruta que rola quando fora do coqueiro e o ruído, os giros e os movimentos circulares da dança (GIFFONI, 1964, p. 141-143).

A despeito da citação acima é conveniente sinalizar que, para quem vai fazer uma ação docente com a dança brincante é importante o entender as tipologias, formas, os territórios e características onde ocorrem, tendo sempre o cuidado de não generalizar, ou seja, fazer um “Coco de Sertão”, como se todos os grupos que dançam Coco sertão adentro fossem iguais, tivessem um formato geral, o que não se aplica.

A Embolada, Coco de embolada, Coco-de-improviso ou Coco de repente configura-se como um estilo musical nordestino com características próprias, possuindo várias formas e/ou variantes. No caso da **Embolada do Coco do Iguape**, especificamente de onde vêm as emboladas do **Mestre Chico Caçoeira**, os versos bastante métricos, rápidos e improvisados trazem uma poesia concentrada muito mais na rima do que no sentido do verso, simplesmente para poder brincar e facilitar o bate pé no chão, no qual os brincantes dançarinos promovem disputa pé/corpórea para acompanhar o ritmo de cada improviso. Sua embolada fala de amor, de Marias, de gias, da barra do dia, do farol e de tudo que pode propiciar rimas, afetos e risos, mas propriamente, fala do mar, o grande amor de todo pescador.

Mestre Chico Caçoeira canta Coco de embolada há 52 anos, aproximadamente. Ao som do ganzá, seus versos vêm da memória ancestral dos cocos praieiros cearenses, dos versos do velho Mestre Paulino, antigo cantador de Coco do Iguape e do improviso constante que caracteriza essa forma musical. As palavras surgem das delicadezas, do riso de cada dia para suavizar a luta constante que a vida impõe a estes velhos lobos do mar. São guardiões também da pesca na jangada e de todos os saberes que este fazer propicia.

É um dos mais antigos brincantes do coletivo da Dança do Coco e como eles mesmo dizem “não existe coco sem embolada, sem embolador”^[27], **assim, o guardião dessa brincadeira hoje é Mestre Chico Caçoeira** que está envol-

[27] Como certa vez me disse o “Gatinho”, um dos mais antigos brincadores do coco do Iguape em um bate-papo informal enquanto aguardávamos para entrar em um palco durante uma apresentação no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CE).

vido com o fazer constante deste grupo há mais de 50 anos, na localidade da praia do Iguape.

É importante destacar que em 2017 no encontro promovido pelo SESC com o nome de *Povos do Mar*, vários outros grupos de Coco mais recentes do nosso litoral utilizavam as velhas emboladas já conhecidas do Coco do Iguape considerando que há registros deles desde a década de 70 do século passado, a partir do Documentário Sonoro Folclore Brasileiro nº 32, cuja coordenação da pesquisa foi feita pelo cearense Aluysio Alencar Pinto. O grupo também já gravou um CD com as emboladas que circulam hoje em muitos lugares, inclusive, como já o disse, entre outros grupos nativos de cocos pelo litoral.

Considerando os grupos tradicionais populares (grupos folclóricos cearenses) não entendemos **por que o Coco do Iguape ainda não possui seu mestre reconhecido como Mestre da Cultura**, Tesouro Vivo do Ceará, pois este é um dos grupos que resiste e se renova na dinâmica tradicional local, mantendo seus saberes entre a juventude da comunidade pesqueira e outros, pois promove difusão onde pode, onde passa, onde circula.

Mestre Chico Caçoeira é pescador, acumulando os saberes da pesca artesanal em Jangada com o saber de tirar versos de improviso, fazer emboladas e mantenedor dos saberes, histórias, contos, lendas, saberes e fazeres referentes aos povos do mar, especialmente ao legado do local onde vive.

É importante destacar que o saber está com quem domina o processo criativo do saber ancestral de embolar, de fazer o improviso e dominar a arte de criar e fazer constante, e não apenas de reproduzi-las como ocorre com muitos que cantam a embolada decorada e que foi criada por Seu Chico Caçoeira, como vem ocorrendo em muitos cocos do Litoral Cearense. Muitos veem o coco apenas na arte do dançador, entretanto, o Coco é mais do que isso, ele é palavra, conjunto de rimas que têm as mais variadas formas, e de uma complexidade em seu processo de criação que se junta à arte de reproduzir palavra em ritmo no corpo, na areia do nosso litoral por quem dele se enamora. Segue abaixo, apenas como exemplo, uma das emboladas do Coco de praia do Iguape.

EMBOLODA MESTRE CHICO CAÇOEIRA**COCO CAFÉ**

Vai tu, vai tu, vai tu ô mulher vai tu
Não precisa se avechá
Vai tu, vai tu, vai tu ô mulher tu
Fazer café pra nós tomar

Eita lá meu camarada
 Não me chamo de José
 E aquilo que Deus não quer
 E é besteira pelejar
 O meu dinheiro botei
 dentro da gaveta
 no copi da barboleta
 pra tocar fogo no ar
 Zé menino num diga palavra feia
 Quem andar por terra aléia
 Pisa no chão devagar

Vai tu, vai tu, vai tu ô mulher
Tu fazer café pra nós tomar

Eita lá meu camarada botei bojovi na sorte
 Que eu hoje brinquei com a morte
 Quase morro de apanhar
 Colega mana me agarrei com a caveira
 Comigo tem brincadeira
 Tem o coco de embolar
 Viva meu mante chegou lá onde eu queria
 Meia noite, meio dia, meio mareta, meio mar

Vai tu, vai tu, vai tu ô mulher
Tu fazer café pra nós tomar

Ei também morena linda
 Você morre fica louca
 Larguei um beijo na boca

Mandei ela se aquetá
 Olha menino que eu dormindo
 ninguém chama, você vá dormi na cama
 que eu vou dormi no sofá
 Oi dô na frente, de frente dô nas costelas
 Beije ela na janela
 Mas não pude me casar

Vai tu, vai tu, vai tu ô mulher
Tu fazer café pra nós tomar

E diga lá jangada nova
 Mete a proa não se afoga
 Vi o chiado na borda
 Vi e a água derramar
 E se o proero ta dormindo
 Se levanta passa o pano
 a porta tranca vire o mar
 que arrebentar
 Meti na proa, corri dentro dessa parcela
 Sacudi água na vela pega a rima e vai rimar.

Vai tu, vai tu, vai tu ô mulher
Tu fazer café pra nós tomar

Eita lá vamo simbora
 Que eu peguei de carretilha
 Você fosse eu também ia no tombo
 do maracá
 Coco de praia catolé coco da cunha
 Que eu tenho uma gata pisunha que
 danada pra miá
 Colega mano nunca diga que me deu
 Mas diga que briga mas eu que a minha
 rima é de amargar

Vai tu, vai tu, vai tu ô mulher
Tu fazer café pra nós tomar

Eita lá tava bolando La na cadeira do bola
 Jogador jogando bola, bolador bola jogar
 Colega mano desenrola o parafuso
 Bota o cabelo no udo e a bavá numero a
 Eu dô na cara dô venta e dô no oi
 Mulher que fica danoi que perde o jeito
 de embolar.

Vai tu, vai tu, vai tu ô mulher
Tu fazer café pra nós tomar

Eita lá colega mano nunca erre seu caminho
 Quizé mas eu pequenininho
 Que toca coco de embolar
 Você me atira e eu me deito e a bala passa
 Na catanga da fumaça vejo
 Nego pondiar

A minha faca fura osso de costela
 Meto a mão no cabo dela vou puxando
 devagar

Vai tu, vai tu, vai tu ô mulher
Tu fazer café pra nós tomar

Eita lá que embola pai que embola mãe
 que embola filho
 Eu também sou da família
 Porque não posso embolar
 Galinha preta juriti rola galega
 Topriguim que beija nega é a nega que me dá
 Colega mano nunca erre seu caminho
 Quizé mas eu piquinininho que pega a rima
 e vá rimá

Vai tu, vai tu, vai tu ô mulher
Tu fazer café pra nós tomar

Poderia dizer que, se precisasse destacar de uma forma sintética a estética dos Cocos dos litorais cearenses poderíamos apontar a roda, ou meia lua, a embolada, pois sem ela não tem coco, o bate pé, sapateado, acompanhando a embolada rítmica com as tramas de batidas de pé que depende da virtuosidade do dançarino brincador. A umbigada é um convite, para se dançar aos pares sempre soltos, buscando fazer o seu solo criativo. O canto coletivo repetindo a embolada ou o estribilho usando palmas é fundamental. A Indumentária principal é a antiga roupa do pescador cor marrom, tingida antigamente com a casca do cajueiro.

Fig. 27. Coco do Iguape



Fonte: Foto do acervo de Klévia para o portfólio do Mestre.

Fig. 28. Coquistas no Iguape, carron, Mestre no ganzá e roda festeira



Fonte: Klévia portfólio do Mestre

Importante destacar os companheiros inseparáveis da brincadeira: a caixa, caixão ou carron e o ganzá. Estes instrumentos dão o elemento rítmico necessário para promover a embolada e jogá-la no corpo dos brincantes, é o que movimenta a roda e sua energia, conectando todos em afeto, ócio saudável por meio de legado ancestral.

O primeiro registro musical da Dança do Coco cearense foi feito por Aluysio Alencar Pinto em 1975 para a Campanha de defesa do Folclore registrado no Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro de número 32^[28]. É muito importante o encontro com as emboladas que estão neste documentário que foi gravado em Iguape/Aquiraz e percebê-las circulando pelo litoral cearense e sendo mote para criação de muita rima e novas emboladas.

Em 2021, vemos a brincadeira da Dança do Coco como incentivo à revisão ancestral e à criação por brincadores e estímulos para encontros diversificados em muitas de nossas praias. Temos o **Coco do Trairi com Mestre Moisés**, diplomado Tesouro Vivo pelo Estado do Ceará e Notório Saber pela UECE. Mestre Moisés é descendente dos Pitaguary por parte de mãe e dos Tapuio por parte de Pai (povos originários do Ceará). Domina os saberes da pesca, da agricultura, da reza, da cura, no canto e na dança^[29]. O Coco acompanha toda a sua vida durante os momentos do ócio da vida comunitária e traduz as boas lembranças dos momentos familiares. Seus versos e rimas vêm da ancestralidade dos cantos indígenas e das influências afro já enraizadas na brincadeira corpórea e do que veio se integrando a partir de relações com outros nordestinos como alagoanos, norte riograndenses e paraibanos, nessas migrações comuns, motivados por melhores condições de trabalho.

O **Coco da Lagoa** traz **Mestre Moisés** com seu canto solo – coro (embolada e estribilho), carron, ganzá e pandeiro. Todos em meia lua, com seus brincantes alegres e com palmeio; na roda, cada verso e embolada estimula um casal de pares a ir ao centro e brincar com seus passos, ora imitando sapos, ora dando rasteira, em zigue-zagues. Às vezes vê-se também 4 pares ao centro, buscando sempre o riso na competição saudável entre os participantes.

[28] Audio disponível no digitalmundomiraira: <http://www.digitalmundomiraira.com.br/patrimonio/dancas-tradicionais/>

[29] Para ver mais sugiro ver: X Encontro Mestres do mundo. Textos de Gilmar de Carvalho, Lourdes Macena e Simone Castro, Instituto Sociocultural e Artístico do Ceará, 2018.

Fig. 29. Coco da Lagoa – Trairi – Mestre Moisés/ CE

Fonte: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/24968/>

Na localidade de Alagadiço – Canaan, no Trairi/CE, o Mestre nos diz que os “mais velhos, os antigos, iam tomar banho na Lagoa das Marianas, sapateavam, tomavam banho, né, foi crescendo, e aí eu tenho um símbolo da Lagoa [...]”^[30]. Esse lugar tem a simbologia da festa, do espaço de felicidade comunitária, do riso que flui nos pés e corpos de velhos, jovens e crianças. Ali, entre suas “iá, iás das Alagoas”, o tomar banho na Lagoa é a felicidade produzida na simbologia daquela roda.

Ali no Canaan, distrito de Trairi, tudo se mistura para ser festa, trabalho e comida. São homens e mulheres entre tarrafas, pescas, samburás, urús, beijos, tapiocas, rendeiras, almofadas e a roda do Coco Alagadiço, na figura deste homem simples que é Mestre Moisés.

[30] Doc. Cocos da Beira-Mar – SESC – direção Henrique Dídimo, 2012.

Fig.30. Mestre Moisés – Tesouro Vivo do Ceará

Fonte: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/9193/>

O reconhecimento de **Mestre Moisés** como Mestre da Cultura, Tesouro Vivo Cearense, trouxe visibilidade ao grupo e reforçou a brincadeira na comunidade; esta política pública tem sido uma estratégia de fortalecimento desses saberes e fazeres e tem promovido interação destas danças em eventos e formações culturais e educacionais. Isso não significa que apenas quem tem o reconhecimento do estado se caracteriza como Mestre, pois sabemos que eles são bem mais, e estão espalhados nestes 184 municípios.

Mestre Hugo, também diplomado como Tesouro Vivo do Ceará, é quem está à frente do **Coco da praia de Majorlândia em Aracati**. Filho do Mestre Zé Mendes, que desde 1940 incentivou esta manifestação na praia^[31], quando envolveu a família na brincadeira que conheceu em Canoa Quebrada. Os “coqueiros”, coquistas, brincantes ou brincadores do Coco de Majorlândia brincam em roda tendo homens e mulheres intercalados e formando pares soltos para batidas de pés, ora com um, ora com o outro, tendo a roda sempre girando. A palma e o canto responsorial é uma constante, tendo os versos ancestrais misturados a outros que vão surgindo ali no eixo comunitário onde brincam.

[31] Fonte: <http://asabrazil.org.br/candeeiros/1477114200.pdf>

Fig.31. Mestre Hugo – Coco da Majorlândia/Aracati



Fonte: <http://asabrazil.org.br/candeeiros/1477114200.pdf> e
<https://www.anuariodoceara.com.br/perfis/hugo-pereira/>

Fig.32. Brincantes do Coco de Aracati



Fonte: <http://asabrazil.org.br/candeeiros/1477114200.pdf>

Importante saber que, apesar de tudo o que socialmente essas comunidades litorâneas vêm sofrendo com a especulação imobiliária, os grupos têm se utilizado de sua brincadeira para impulsionar seus corpos para a resistência necessária, por meio da alegria que isso produz. É o que Santos (2019) diz sobre transformar corpos sofredores em corpos jubilosos pela alegria, pois “o corpo torna-se vivo e animado especialmente na dança” (SANTOS, 2019, p. 145).

Quando falamos em força, resistência nas tramas da dança do Coco, adentramos para a estética da **Dança do Coco cearense pelos sertões**, diante do fato de que muitos deles são permeados principalmente por mulheres trabalhadoras, como é o caso dos Cocos que destacamos abaixo:

Fig. 33. Mestra D. Edite do Crato



Fonte: <https://monkeybuzz.com.br/materias/dona-edite-do-coco-em-brincadeira-e-coisa-seria>. Foto: Felipe Scapino.

Fig.34. Coco das Batateiras (Crato)

Fonte: diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/nova-mestra-da-cultura-do-ceara-comanda-um-grupo-de-coco-feminino-ha-40-anos-na-cidade-do-crato-1.2187134

O grupo de Coco das Batateiras^[32] foi criado em 1979 por D. Edite Dias de Oliveira para comemorar o dia do Folclore fazendo sua primeira brincadeira no Crato, na Praça Sé. Hoje reúne 17 agricultoras que se inspiram em seu cotidiano, na vida que levam, para a criação dos versos que embalam suas cantigas.

Nós somos todas agricultoras. E, no caminho da roça, na palha do feijão, na queda do milho, no xaxado do feijão, no mexidinho das folhas, com aquele chacoalho, às vezes a gente pega com uma música que a gente já tem, e aí junta tudo em uma roda de coco”, (Informação oral - DONA EDITE citada por RODOLFO SANTANA, 2021)^[33]

[32] Bairro Gizélia Pinheiro

[33] SANTANA, Rodolfo. A tradição cearense da dança do coco pelas toadas de Mestra Edite. 15/02/2021. Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2021/02/15/a-tradicao-cearense-da-danca-do-coco-pelas-toadas-de-mestra-edite>

E assim, a dança do Coco vai tecendo essas experiências de amizade, afeto, solidariedade e felicidade por tudo o que um coletivo de práticas comuns pode fomentar. É o que acontece também com o grupo “**Amigas Saber**” fundado por Maria Nogueira “conhecida por **Maria da Santa**, 56 anos, agricultora” (FARIAS, 2014)^[34], e o **Coco Frei Damião** fundado pela **Mestra Marinês**, o coco da SCAN (Sociedade Cratense de Auxílio aos Necessitados) de Dona Ana ou Naninha.

Fig. 35. Mestra Marinês



Fonte: Mapa Cultural de Juazeiro do Norte

Fig. 36. Coco Frei Damião



Fonte: Redes sociais do grupo

[34] FARIAS, 2014 - As mulheres entram na dança: (re)inventando uma tradição. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/2encontrointernacional/anais/trabalhos_completos/138-7226-10112014-232410.pdf

Conheço os Cocos do Cariri dançando, por lá e aqui, e lendo Figueiredo Filho, além de me envolver com todos os incentivos do folclorista Elói Teles de Moraes, popularmente conhecido como Mestre Elói, e tudo o que pude viver nesta vida no Juazeiro/Crato/Barbalha de Padre Cícero, Frei Damião e Santo Antônio. No entanto, aqui preferi atualizar o vivido a partir dos estudos de Cocos de Camila Farias, que recomendo aos leitores para aproveitarem os trabalhos que cito em suas referências. Também procurei trazer a presença desses grupos e mestres na vida cultural atual por meio das redes sociais dos grupos citados e experiências recentes durante evento dos **Mestres do Mundo**. Nossa dança precisa se revestir da historicidade que acompanha esses grupos, sua resistência e sua fé tradicional, porém sempre atual.

Apesar de cada grupo ter sua especificidade nesta pluralidade de Cocos, podemos dizer que a **estética dos Cocos de Sertão Cearense** possui, de certa forma, estes elementos: a Roda cirandeira (mãos dadas) ou com palmeios durante os versos, passos de sapateios específicos, dependendo de cada grupo de coco, executados durante o estribilho, e a umbigada, que pode ser feita destacada ou apenas com uma pequena vênua e ter sapateio aos pares isolados. Vestimenta: sempre com estampas florais com cores quentes. Elas - saias rodadas, blusas com bicos, babados, flores no cabelo ou chapéu. Tamanco ou chinelo de sola. Eles - calça de uma cor só, camisa estampada ou xadrez, chapéu preto ou de palha, arrumados, lenço no pescoço ou não, pano passado (as vezes). Como diz. D. Edite:

“Formamos uma roda. Uma pega na mão da outra, como se fosse um outro tempo, das brincadeiras que eu fazia quando era miudinha. É como uma ciranda”. [...] Vai rodando, vai cantando, vai rodando, vai cantando. Bato as palmas, tudo lindo. Aí já vai dar a roda, vem as pisadas, e os cavalheiros tiram as damas para dançar. Três passinhos para cá, três passinhos para lá [...] *‘Minha sabiá, minha zabelê / Toda madrugada eu sonho com você / Se você duvida, eu vou sonhar pra você ver’* (GARCIA, 2020)^[35]

O dançar brincante está em suas vidas comunitárias muito além do passo, pois essas gestualidades trazem o corpo do trabalho e da luta para reivindicar, por meio da alegria que entrega ao outro, aquilo que lhe é devido.

[35] GARCIA, Cecília. D. Edite do Coco em: brincadeira é coisa séria. 22/4/2020. Disponível em: <https://monkeybuzz.com.br/materias/dona-edite-do-coco-em-brincadeira-e-coisa-seria/>

Para se aproximar de sua estética dançada, passos, gestualidade corpórea, embolada e figuras sugiro ver:

1

**1. COCO MAJORLÂNDIA**

<https://www.youtube.com/watch?v=HCSJWXYSbOc>

2

**2. OFICINA DA DANÇA DO COCO DA MAJORLÂNDIA**

<https://www.youtube.com/watch?v=FED-rCbdy44>

3

**3. DANÇA DO COCO DO TRAIRI**

https://www.youtube.com/watch?v=cWZOEJU_FDs

4

**4. MESTRE MOISÉS – MESTRE DA CULTURA DO CEARÁ E DE TRAIRI**

<https://www.youtube.com/watch?v=sm5LZcfcYs>

5

**5. DANÇA DO COCO DO IGUAPE**

<https://www.youtube.com/watch?v=t1lGTFsblRg>

6

**6. MULHERES DO COCO DAS BATATEIRAS**

<https://beirasdagua.org.br/item/mulheres-do-coco-da-batateira-cratoce/>

7

**7. COCO FREI DAMIÃO – MINI DOC.**

<https://www.youtube.com/watch?v=b8G0cfaauU0>

8

**8. COCO FREI DAMIÃO**

<https://www.youtube.com/watch?v=HYcwNwSRdh8>

Para utilizar músicas dos grupos citados, cantando com seus alunos, dançarinos, amigos e amigas sugiro ver

9

**9. MESTRES NAVEGANTES DISPONÍVEL NA WEB**

<https://soundcloud.com/mestres-navegantes/sets/coco>

10

**10. CD COCO DO IGUAPE**

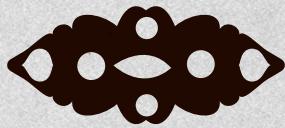
<https://www.digitaldamusicacearense.com.br/album/aquiraz-ceara/>

11

**11. CD ISPINHO E FULÔ**

<http://www.digitalmundomiraira.com.br/miraira/grupomiraira/producao-musical/>

Para finalizar, continuo lembrando que a única forma de salvaguardar os elementos das danças tradicionais populares é dançando, é pelo corpo que guardamos e estabelecemos toda a compreensão da dança, sentindo-a. Por isso, dance Coco!



REFERÊNCIAS

AMORIM, Ninno. **Os cocos no Ceará**: dança, música e poesia oral em Balbino e Iguape. 2008. 93 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Fortaleza, Fortaleza, 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Duas ou três coisas sobre folclore e cultura popular. *In*: **Seminário Nacional de Políticas Públicas para as culturas populares**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005. p. 28-33.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Entendendo o folclore**. Texto de divulgação feito para o Museu de Folclore Édison Carneiro/Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: http://www.lauracavalcanti.com.br/publicacoes.asp?codigo_area=1#

CARVALHO, Gilmar. **Mestres da Cultura Tradicional Popular do Ceará**. Fortaleza: Secult/CE, 2006.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**, 3ª edição. RJ; Edições de Ouro – Tecnoprint gráfica S. A. 1972. 930p. pp. 232-233.

CASCUDO, Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3ª. Ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.

CASTRO, Zaide Maciel de. **Danças do Norte e do Sul**. Rio de Janeiro: Organização Técnica de Educação Física Ltda. 1960. p. 49

COLARES, Elzenir. **Manifestações do Folclore Cearense**. Fortaleza: Gráfica Secretaria de Indústria e Comércio. 1978. Pp. 23 a 25

CORTES, Paixão e LESSA Barbosa. **Manual de Danças Gaúchas**. 3ª edição. São Paulo: Irmãos Vitale Editores – 1967 – p. 19.

FRADE, Cássia. **Guia de Folclore Fluminense**. RJ: Presença Edições. 1985. p. 49.

FARIAS, C. M.. **Antes de dançar o Coco era como estar no mundo, mas não existir?**: experiências dançantes de mulheres em contextos de políticas públicas culturais no Cariri Cearense. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 5, p. 1-9, 2019.

FARIAS, C. M.. **Brincando de dançar, dançando para brincar**: ludicidade, improviso e ritual na dança do coco da comunidade de balbino - ce (1940 - 1980). História e Culturas, v. 2, p. 40-63, 2014.

FARIAS, C. M.. **Memórias dançantes**: a (re)invenção de uma tradição por grupos de coco de mulheres no Cariri ? CE. RESGATE - Revista Interdisciplinar de Cultura, v. 22, p. 51-59, 2014.

FARIAS, C. M.. **A 'invenção' de uma comunidade:** narrativas de resistências e tradição oral em balbino - ce. Embornal: revista eletrônica da ANPUH-CE, v. III, p. 1-15, 2013.

FARIAS, C. M.. **A coreografia da luta:** a dança como elemento de identificação e de afirmação cultural da Comunidade de Balbino - CE. *Dança: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança - UFBA*, v. 2, p. 45-57, 2013.

GALLET, Luciano. **Estudos de Folclore.** RJ: Carlos Webrs & Cia – 1934. Pp. 61 a 72.

GIFFONII, Maria Amália Correa. **Danças Folclóricas Brasileiras.** 2ª edição. São Paulo: Editora Melhoramentos – 1964. pp. 89 a 103.

JESUS, Thiago Silva de Amorim. **Saberes-fazer em danças populares /** Thiago Silva de Amorim Jesus; Marco Aurélio da Cruz Souza, Ana Macara organizadores. – Salvador /; ANDA, 2020. – 491 : il. – (Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 8).

MACENA FILHA. **Stagnation y dificultades del fandango del Mucuripe** – enseñanza possible. Comunicação oral no X Congresso Argentino de Antropologia Social –. Facultad de Filosofia e Artes – UBA, 2011. Disponível em: <http://www.xcaas.org.ar/> Acesso em 27 de julho de 2013.

MACENA FILHA, M. L.. Projeto Miraira - prática cultural para a diversidade numa estratégia de educação não formal. *In: VII Encontro Cearense de Historiadores da Educação*, 2008, Barbalha. vitrais da memória: “Vitrais da Memória: Lugares, Imagens e Práticas Culturais”. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 1013-1021.

MACENA FILHA, M. Lourdes. Cultura e Patrimônio. *In: Revista Aspectos* – Conselho de Cultura do Ceará. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2008.

MACENA FILHA, M. Lourdes. **O Potencial turístico das festas populares de Fortaleza.** Fortaleza, 2002. 214f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos) – Universidade Estadual do Ceará.

NOVO, José da Silva. **Almofala dos Tremembé.** Itapipoca: sem edição. 1976.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. A dança do Torém dos Tremembé de Itarema-CE. *In: Encontro de pesquisa e pós-graduação em humanidades*, 2. 2011, Fortaleza. Semana de humanidades, humanidades: entre fixos e fluxos, 8., 2011, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Universidade Estadual do Ceará, 2011, p.1-12.

PEREIRA, A. S. M. e Gomes, D. P. **Dança encantada e de resistência:** (trans) significações corporais no torém dos índios tremembé. Arliene Stephanie Menezes Pereira Daniel Pinto Gomes Corpoconsciência, Cuiabá-MT, vol. 22, n. 01, p. 120-129, jan./abr., 2018.

PINTO, Aloísio Alencar. **Documentário sonoro do Folclore Brasileiro nº37.** contra-capa do disco.

RIBEIRO, Joaquim. **O Folclore de Açúcar.** Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977. 227 p.

ROCHA, J. M. Tenório. **Folguedos e danças de Alagoas.** Maceió: Secretaria de Educação e Cultura, Comissão Alagoana de Folclore, 1984.

SILVA, Rildelene dos Santos; LIMA, Anna Erika Ferreira; MORAIS, Ana Cristina da Silva. **Um estudo sobre a bebida indígena mcororó:** Aceitação por não indígenas e cultura alimentar do Povo Kanindé de Aratuba. January 2020 Brazilian Journal of Development 6(5):31985-32005 DOI: 10.34117/bjdv6n5-592. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n. 5, p.31985-32005, may. 2020.

SERAINÉ, Florival. **Folclore Brasileiro** – Ceará. RJ: MEC – FUNARTE. 1978. p. 28.

SOUZA, Maria de Lourdes Macena. Danças Populares Tradicionais em abordagens estéticas, memória e tensões políticas. In: **Saberes e Fazer em Danças populares.** v.8. Salvador/ANDA, 2020, 491p. 74 – 87.

SOUZA, Maria de Lourdes Macena de. **Sendo como se fosse** – as danças dramáticas na ação docente do ator professor. Belo Horizonte, 2014. 295f. Tese (Doutorado em Artes) EBA. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/JSSS-9GFH-GX>

WENGER, Etienne. **Comunidades de prática e social aprendizagem sistemas:** a carreira do conceito. 2003. Disponível em <https://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2012/01/09-10-27-CoPs-and-systems-v2.01.pdf>. Acesso em: 27 de dez. 2018.

APOIO:

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

LEI
**ALDIR
BLANC**
DE EMERGÊNCIA CULTURAL
CEARÁ



Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

REALIZAÇÃO:

